

# Fome provoca vítimas na aldeia de Chiúnze

● Treze crianças perderam a vida até Abril último

por Sérgio Ngoca, da AIM

N. 10/6/92 p.3

Até ao mês de Abril do corrente ano, treze crianças haviam morrido, devido à malnutrição, na aldeia de Chiúnze, no distrito de Massinga, na província de Inhambane. Este número, segundo o responsável daquela aldeia, André Mazive, poderá subir se medidas urgentes não forem tomadas para acudir os cerca de 3500 habitantes de Chiúnze, no concenrente ao envio de alimentos.

Ele disse que as quantidades enviadas pelo Departamento de Prevenção e Combate às Calamidades Naturais (DPCCN), são insignificantes, o que, nas suas palavras, «fará também com que muita gente possa vir a morrer de fome nos próximos dias».

Salientou ainda que grande parte das crianças encontram a morte depois de ingerirem diversos tipos de plantas silvestres, porque, como disse, «tinham que comer qualquer coisa para enganar o estômago».

Referiu também que a fome em Chiúnze se deve à falta de chuvas, o que «provoca uma situação de seca jamais vista na nossa aldeia».

Disse que a última vez que choveu em Chiúnze foi em Junho de 1991, mas acrescentou que a quantidade da chuva caída nessa altura foi muito pouca.

André Mazive disse ainda que «por essa razão a fome aqui é grande», acrescentando que «desde que semeámos nos meses de Setembro e Dezembro de 1991, as sementeiras não deram efeito por causa da seca».

«A nossa única esperança estava nas sementeiras de mandioca, mas tudo foi comido pela praga de gafanhotos que surgiu depois das chuvas de Junho».

Mazive explicou que outros há, no entanto, que conseguem colher algumas folhas de feijão nhemba. «Estas pessoas cozinham essas folhas somente com água e sal», esclareceu.

Adiantou também que outro problema da aldeia de Chiúnze é a falta de água, esclarecendo que «funcionamos com apenas um poço, dos dois existentes na aldeia, para abastecer uma população de cerca de 3500 habitantes».

A maioria dos habitantes de Chiúnze são deslocados de guerra provenientes dos distritos de Vilankulo, Funhalouro, Morrumbene e de algumas áreas do distrito de Massinga afectadas pela guerra.

É assim que, segundo André Mazive, «para além da fome deparamos também com o problema da falta de vestuário para as pessoas».

Apesar da equipa de Reportagem

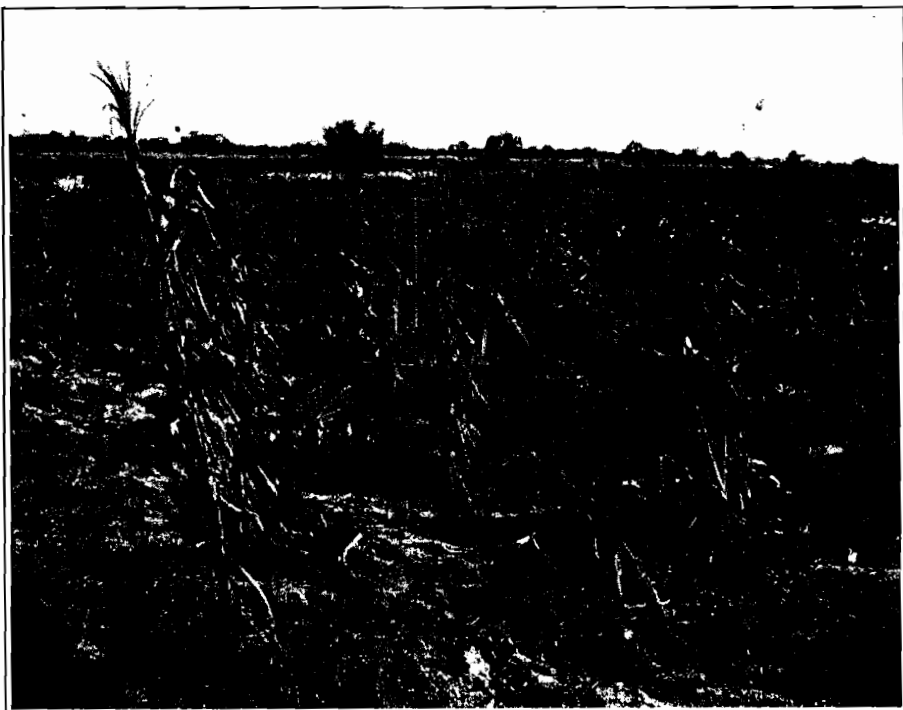
do distrito», salientou.

Na aldeia de Chiúnze existiu em tempos uma cooperativa que «por falta de produtos tivemos que a fechar», afirmou André Mazive, acrescentando

que «tudo o que alguém que porventura tenha dinheiro, quer comprar, tem que forçosamente deslocar-se à vila».

Esta situação, na opinião de alguns residentes da aldeia de Chiúnze, aliada aos problemas da fome e da seca, faz com que «este seja o pior ano da vida da nossa aldeia».

Alfeu Wilson, de 32 anos, chefe de



Extensos campos de milho secos na aldeia de Chiúnze, em Massinga, por falta de chuvas. (Foto de Ferhat Momade)

da AIM não ter visto ninguém semi-nu, ou vestido com sacos de sisal, André Mazive afirmou categoricamente que «e pena não poderem chegar no interior da aldeia para ver com os vossos olhos, como as pessoas não têm realmente nada para vestir».

Da aldeia de Chiúnze à sede do distrito de Massinga distam cerca de 15 quilómetros. «Na aldeia não temos sequer um posto de Saúde ou uma única loja», afirmou André Mazive.

Acrescentou que apesar de «estar instalado aqui um posto médico, nunca chegou a funcionar». Esta situação, disse Mazive, resulta do facto de que «se pusermos lá medicamentos, os bandidos farão tudo por tudo para assaltar o posto médico».

Afirmou que «nos meses anteriores, os responsáveis da Saúde a nível do distrito quiseram equipar o posto médico, mas a população duvidou receando que os bandidos poderiam vir destruir tudo».

Isto — disse — faz com que os homens da Saúde se desloquem uma vez por mês à aldeia para vacinar as senhoras grávidas e as crianças contra a tuberculose, varíola e sarampo.

«Em caso de outras doenças, a população desloca-se ao hospital rural

uma família de quatro membros, disse que «nos anos passados, apesar da situação da seca, conseguíamos colher algum milho, mapira e feijão-nhemba».

Acrescentou que durante o primeiro semestre de 1991, «consegui tirar da machamba pelo menos meio saco de milho», mas afirmou que desde essa altura não conseguiu nada para alimentar a família.

É uma desgraça, disse Alfeu Wilson. «Nem emprego conseguimos arranjar quer na aldeia ou na vila».

No caso de Fernando Guilasse, de 70 anos, vivendo apenas com a mulher, a situação é também «lamentável».

«Eu poderia dizer que não tenho muitos problemas, mas o que tirei da machamba o ano passado só deu para comer com a minha mulher durante seis meses», afirmou Guilasse.

Acrescentou que «este ano, à semelhança de muitas famílias aqui na aldeia, não consegui produzir absolutamente nada».

Mas para a sobrevivência da população da aldeia de Chiúnze, André Mazive disse que «muitas pessoas vendem lenha ou estacas a preços que só dão para comprar alguns quilinhos de farinha».



André Mazive, responsável da aldeia de Chiúnze, falando à AIM. (Foto de Ferhat Momade)